Em “Espaços de Esperança”, Harvey (2014) realiza uma reflexão dialética sobre o corpo e como esse se constitui na contemporaneidade. Refletindo a partir da teoria marxiana, o autor, aponta que as contradições se manifestam histórica e dialeticamente e que o capitalismo consiste em descobrir novas formas e potencialidades de utilizar o corpo humano como portador da capacidade de trabalho, onde suas capacidades são a todo o momento, reinventadas diante da necessidade do capital. Esse processo se dá a partir de toda uma gama de ciências e investimentos, que tem por objetivo a reinvenção novas formas de exploração do corpo e que originam na produção de um novo tipo de corpo trabalhador.

Começa a refletir a partir de duas proposições fundamentais, sendo uma dessas a compreensão de que o corpo é um projeto inconclusivo, de certo modo maleável histórica e geograficamente, onde o corpo continua a evoluir e se modificar de maneiras que reflete tanto uma dinâmica transformadora interna, como o efeito de processos externos. P. 136

A segunda proposição, compatível com a primeira, é a de que o corpo não é uma entidade fechada e lacrada, mas uma “coisa” relacional que é criada, delimitada sustentada e em última análise dissolvida num fluxo espaço-temporal de múltiplos processos. Isso implica numa visão relacional-dialética em que o corpo internaliza os efeitos dos processos que o criam, delimitam, sustentam e dissolvem. O corpo é interiormente contraditório em virtude dos múltiplos processos socioecológicos que para ele convergem. Por exemplo, os processos metabólicos que mantem o corpo envolvem intercâmbios com seu ambiente. Se os processos se alteram, o corpo ou se transforma e se altera ou então deixa de existir. O conjunto de atividade performativas disponíveis ao corpo num dado tempo e lugar não são independentes do ambiente tecnológico, físico social e econômico em que esse corpo tem seu ser. E também as práticas

representacionais que operam na sociedade moldam o corpo. Isso significa que toda contestação de um sistema dominante de representação do corpo, vem se tornar uma contestação direta das práticas corporais. Os diferentes processos físicos e sociais produzem tipos radicalmente diferentes de corpos. Distinções de classe, de raça, de gênero e de uma multiplicidade de outros aspectos se acham inscritas no corpo humano em virtude dos diferentes processos socioecológicos que exercem sua ação sobre esse corpo.

Diante disso o autor pontua que formular questões a partir dessas reflexões, não significa ver o corpo como produto passivo de processos exteriores. Dá apenas a capacidade de captar fluxos difusos de informações de complexidade da vida social.

Na qualidade de máquina desejante, capaz de criar ordem não só em seu próprio interior mas ao seu entorno também, o corpo humano é ativo e transformador em relação aos processos que o produzem, sustentam e dissolvem. Logo, pessoas corporificadas dotadas de capacidade semióticas e vontade moral tornam seu próprio corpo um elemento fundacional naquilo que há muito chamamos de “o corpo político”.

O corpo internaliza tudo que existe, logo, só se pode considerar significativamente o corpo quando ele é compreendido na sua relação com o mundo e no mundo. Assim, o modo de produção do espaço-tempo tem vínculos inextricáveis com a produção do corpo.

Harvey pontua que dar centralidade ao corpo coloca um dilema peculiar. Retornar a ideia de corpo humano como a fonte de toda experiencia é atualmente considerado um meio de oposição a toda rede de abstrações cientificas, sociais, politicas, que são definidas, representadas e regulada as relações sociais, as relações de poder, as instituições e as práticas materiais. Por outro lado, nos coloca a reflexão eu nenhum corpo humano é isento de processos sociais de determinação. Logo, retornar ao corpo é exemplificar os processos sociais a que se faz propositalmente oposição. Se os corpos e

trabalhadores são transformados como Sugere Marx, como apêndices do capital ou como sugere Foucault, transformados em corpos dóceis, como podem seus corpos ser a medida, o signo ou receptáculo de qualquer coisa que se situe fora da circulação do capital ou dos vários mecanismos que disciplinam esses corpos?
Diante disso Harvey aponta a necessidade de compreendermos a maneira como os corpos são socialmente produzidos sob o tempo e o espaço determinado, ou seja, sob as determinações sociais ao qual estão inseridos. A partir da teoria do sujeito corporificado em Marx, compreende a produção do sujeito corporificado sob o capitalismo. Debate esse que pretendemos aprofundar ao longo desta pesquisa.

Harvey (2014) realiza um diálogo com Foucault e nos atenta para a construção de um aparato disciplinar de vigilância, punição e controle, que se estabelece a partir da forma como a sociedade é organizada. Como aponta o autor,

> O capital se empenha continuamente em moldar corpos de acordo com seus próprios requisitos, ao mesmo tempo que internaliza o modus operandi efeitos de desejos corporais, vontades, necessidades e relações sociais em mudança[...] Esse processo molda muitas facetas da vida social, como “opções” em termos de sexualidade e de reprodução biológica ou cultura e modos de vida, ainda que essas “opções” (caso sejam de fato) sejam plasmadas de modo mais geral pela ordem social e por seus códigos legais, sociais e políticas, bem como por suas práticas disciplinares (incluindo as que regulam a sexualidade). (HARVEY, 2014, p. 157).

A organização da sociedade é dinâmica e se dá a partir das relações que a constroem ao longo de suas transformações a partir dos grupos que a compõem. Assim, é importante compreendermos em qual contexto social estamos inseridos e como a nossa existência é permeada por normas e padrões que têm referenciais por vezes construídos a partir de discursos de poder, que instituem quais

corpos são aptos a vida e que são perpetuados por pessoas que perpetuam esses discursos.

E como aponta Harvey (2014, p.165), “não existe corpo fora das suas relações com outros corpos, e o exercício de poderes e contrapoderes entre corpos é um aspecto constitutivo central da vida social”, o que nos traz a reflexão de que não é possível corpos sem situá-los socialmente, culturalmente, dentro da sua condição de classe, raça e etnia, gênero e sexualidade.